

## DISCURSO MIDIÁTICO: CONSTRUÇÃO DOS EFEITOS DE VERDADE EM UM VÍDEO DA JORNALISTA RACHEL SHEHERAZADE

Aldenizia Moreira Guimaraes Lira <sup>1</sup>

Thiago Barbosa Soares <sup>2</sup>

Damião Francisco Boucher <sup>3</sup>

### RESUMO

Este artigo objetiva verificar como é construído o ethos discursivo por meio do comentário noticioso da jornalista Rachel Sheherazade, analisando a fabricação de efeitos de verdade que sustentam sua imagem a partir de formações imaginárias e de um ethos discursivo os quais colocam em constante manutenção o poder midiático por meio daquilo que se passa aos telespectadores durante a apresentação dos telejornais nacionais. Assim, utiliza-se o referencial teórico-metodológico da Análise do Discurso<sup>4</sup>, sobretudo as noções de ethos discursivo, interdiscurso, processamento parafrástico e polissêmico e formações imaginárias. O corpus analisado consiste em um vídeo reproduzido em 3 de março de 2011 pela emissora de TV Tambaú, sediada em João Pessoa. Para atingir o objetivo inicialmente proposto, examina-se, além dos efeitos de sentido, a posição discursiva do enunciador e seus deslocamentos, observando os efeitos da linguagem tanto em sua estabilização quanto em sua deriva semântica. Nesse batimento, examina-se também, no discurso midiático da referida enunciadora, como os efeitos de verdade são construídos a partir das memórias como materialidades simbólicas da historicidade. Ao final desse percurso, reflete-se acerca do funcionamento dos efeitos de verdade, bem como sua afetação no circuito social.

**Palavras-chave:** Credibilidade. Efeitos de verdade. Mídia. Discurso midiático.

### ABSTRACT

This article aims to verify how the discursive ethos is constructed through the news commentary of journalist Rachel Sheherazade, analyzing the fabrication of truth effects that sustain her image based on imaginary formations and a discursive ethos which put media power in constant maintenance through that that is passed on to viewers during the presentation of national news programs. Thus, the theoretical-methodological framework of Discourse Analysis is used, especially the notions of discursive ethos, interdiscourse, paraphrastic and polysemic processing and imaginary formations. The analyzed corpus consists of a video reproduced on March 3, 2011 by the TV channel Tambaú, based in João Pessoa. To achieve the initially proposed objective, in addition to the effects of meaning, the discursive position of the enunciator and his displacements are examined, observing the effects of

<sup>1</sup> Graduada em Letras na Universidade Federal do Tocantins (UFT). ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-8945-8925>. E-mail: [aldenizia.guimaraes@mail.uft.edu.br](mailto:aldenizia.guimaraes@mail.uft.edu.br).

<sup>2</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor adjunto no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Pesquisador bolsista de produtividade do CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8919327601287308>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>. Email: [thiago.soares@mail.uft.edu.br](mailto:thiago.soares@mail.uft.edu.br).

<sup>3</sup> Mestre em Letras na Universidade Federal do Tocantins (UFT). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8325-1603>. E-mail: [boucherplace@gmail.com](mailto:boucherplace@gmail.com).

<sup>4</sup> Este artigo é fiel tributário da perspectiva segundo a Análise do Discurso quando marcada sua origem ou filiação, conforme explica Soares (2023a), é eurocêntrica, portanto, aqui, por meio de um ato de resistência, deixa-se conscientemente de fazer-se tal menção.

language both in its stabilization and in its semantic drift. In this context, it is also examined, in the media discourse of the aforementioned enunciator, how the effects of truth are constructed from memories as symbolic materialities of historicity. At the end of this journey, we reflect on the functioning of truth effects, as well as their impact on the social circuit.

**Keywords:** Credibility. Effects of truth. Media. Media discourse.

### **Considerações iniciais**

A profissão de jornalista é considerada uma das mais importantes para o funcionamento da sociedade, sendo, portanto, uma atividade indispensável para a consolidação do planejamento democrático. A atuação jornalística, por exemplo, estimula a transparência pública e divulga os atos que estão relacionados aos exercícios dos poderes (Rios; Bronosky, 2020). Assim, é possível analisar o quanto o campo jornalístico é relevante quando o assunto é comunicação, pois é através dessas práticas comunicacionais que os jornalistas têm sido considerados e atribuídos a eles uma posição de porta-vozes dos direitos humanos (Araújo, 1992). Assim, o jornalismo e seu papel social como o símbolo da liberdade de expressão e da difusão da verdade representam um campo que abre as portas para os demais direitos. Nesse sentido, como ressalta Soares (2022, p. 37), “desde muito tempo a mídia desempenha um grande papel na sociedade brasileira. Mais do que divertir e informar, a mídia gerencia os discursos circulantes ao ponto de se tornar uma espécie de reguladora dos discursos”.

Por essa razão, ao considerar o que Soares (2022) assevera, compreende-se que as instituições jornalísticas responsáveis por mediar variados noticiários objetivam não só informar e apresentar ao público notícias que ganham grande destaque no mundo, mas também impõem visões orientadas pela égide da informação e do entretenimento a partir de comentários noticiosos, isto é, opiniões forjadas em fragmentos de acontecimentos amplamente discursivizados. Por isso, utilizam-se de um prestígio midiático para convencer e legitimar-se nesse meio a partir da fabricação de efeitos de verdade que afetam sujeitos e sentidos (Soares, 2018a, 2018b, 2022). Eles selecionam os conteúdos de grande relevância e visam alcançar um público específico, utilizando um discurso persuasivo para convencer o telespectador e criar uma aceitabilidade discursiva (Boucher; Soares, 2022).

Muitos desses profissionais se encontravam em uma classe social menos privilegiada, no entanto, alguns deles, com o decorrer do tempo, constroem uma carreira profissional bem-sucedida e estável por meio dos efeitos do sucesso midiático (Soares, 2018a, 2022) e, com a experiência, projetam uma imagem social ilibada, ganhando, assim, maior visibilidade no

campo jornalístico. Essa imagem, ou melhor, o ethos que se é criado a partir do conglomerado de memórias fabricadas pela mídia, influencia a comunidade ouvinte ou telespectadora, principalmente o público que consome e absorve muitas informações, as quais podem moldar a sua percepção coletiva e individual, desenvolvendo um papel ativo na construção e formação da opinião pública, na criação de identidades, na construção e reprodução de sentidos. Como afirma Soares (2022, p. 21), como a instituição midiática modifica gradativamente “a ordem econômica, social e cultural da humanidade, é razoável questionarmos quais as repercussões que a imprensa, o rádio, a televisão e a internet podem ter na organização dos discursos circulantes e na incorporação desses pelos sujeitos”.

Diante dessa perspectiva, pretende-se, neste artigo, verificar como é construído o ethos discursivo por meio do comentário noticioso da jornalista Rachel Sheherazade, analisando a fabricação de efeitos de verdade que sustentam sua imagem a partir de formações imaginárias e de um ethos discursivo os quais colocam em constante manutenção o poder midiático por meio daquilo que se passa aos telespectadores durante a apresentação dos telejornais nacionais. No intuito de alcançar o escopo dessa análise, o corpus a ser examinado consiste em um vídeo reproduzido em 3 de março de 2011 pela emissora de TV Tambaú, sediada em João Pessoa. Para atingir o objetivo inicialmente proposto, examina-se, além dos efeitos de sentidos, a posição discursiva do enunciador e seus deslocamentos, observando os efeitos da linguagem tanto em sua estabilização quanto em sua deriva semântica.

Na intenção de organizar didaticamente a argumentação desse percurso analítico, faz-se necessário, nas **Considerações teórico-metodológicas**, o recenseamento das noções de interdiscurso (e intradiscurso), ethos discursivo, formações imaginárias, assim como outras noções de mesmo potencial heurístico. Também se faz menção ao papel das memórias como materialidades simbólicas na construção do efeito de verdade, tanto na estabilização quanto na deriva de sentidos que ocorrem no campo intradiscurso do comentário noticioso. Na seção **Análise: os efeitos de verdade no comentário noticioso da jornalista Rachel Sheherazade**, examina-se, por meio do enunciado da referida jornalista, o funcionamento discursivo do que está visível, mas também dos elementos semânticos imperceptíveis na materialidade enunciativa, ou seja, os efeitos constitutivos das memórias emergindo na intradiscurividade, observando o silêncio constitutivo (Orlandi, 2007) associado ao dito. Ao final, na seção **Considerações finais**, passa-se a ponderar e refletir as prováveis contribuições do estudo da construção da verdade em discursos midiáticos e das possíveis implicações que esse esclarecimento pode provocar no avanço de uma educação midiática, ou mais

especificamente, de um letramento midiático, não somente como “a capacidade de acessar, analisar, avaliar e criar mensagens em várias formas” (Livingstone, 2004, p. 5), mas também como a competência de promover uma leitura verticalizada e menos ingênua (Soares, no prelo), ao compreender que o sucesso midiático como força arregimentadora dos efeitos de verdade (Soares, 2018a, 2018b, 2022), recobre o ethos discursivo de sujeitos jornalistas, transformando-os em porta-vozes da verdade.

### **Considerações teórico-metodológicas**

Ao iniciar esse percurso explanatório, objetiva-se compreender as noções de discurso, de ethos discursivo, interdiscurso (Courtine, 2014), processamento parafrástico e polissêmico, formações imaginárias, bem como outras noções fundamentais para a apreensão do funcionamento discursivo. Nesse sentido, para Pêcheux (1997, p.82), o discurso não é apenas a transmissão de informações, mas “efeito de sentidos entre os pontos A e B”. A partir dessa definição é possível dizer que o discurso é conduzido por uma historicidade contínua, complexa e dinâmica, mas que possui suas rupturas, suas próprias características representativas de ideias, crenças, valores e visões de mundo, não sendo, assim, algo estático e imutável. Na sua definição, pode ser citado que o discurso é uma construção que possui as suas próprias características apresentadas a um fenômeno em constante evolução, no qual o seu processo é contínuo em negociação e sentidos. Segundo Pêcheux (1997):

Um discurso não apresenta, na sua materialidade textual, uma unidade orgânica em um só nível, que só poderia colocar em evidência a partir do próprio discurso, mas que toda forma discursiva particular remete necessariamente à série de formas possíveis, e que essas remissões da superfície de cada discurso as superfícies possíveis que são (em parte) justapostas na operação de análise constituem justamente os *sinomas pertinentes* do processo de produção dominante que rege o discurso submetido à análise (Pêcheux, 1997, p. 104- 105, parênteses do autor).

Desse trecho, entende-se que o discurso é vertical em relação ao que se apresenta no campo da formulação enunciativa, pressupondo uma continuidade, uma regularidade histórica, apesar de certas rupturas causadas pelas condições de emergência desses discursos. De acordo com Soares (2018b), é no discurso que se encontram os significados de cada história, sua composição hegemônica, mas também a resistência de sua contraparte, de sua formação ideológica antagônica. De outro modo, cada discurso está em oposição a uma formação discursiva antagônica (Courtine, 2014), isto é, a um conjunto de dizeres

(socialmente orientados) que determinam o que o sujeito pode ou deve dizer na interação (Pêcheux, 1997). Portanto, diversas interpretações podem ser encontradas em torno do texto, pois as produções de sentidos se alteram de acordo com as posições (ideológicas) sustentadas por aqueles que as empregam (Pêcheux, 2011).

Dessa forma, a Análise do Discurso tem como objetivo compreender como o discurso é utilizado, como ele funciona na produção de sentidos, produzido e modificado em contextos diferentes, e ver a língua como um sistema semiautônomo e não transparente. Ou seja, a Análise do Discurso propõe questionar e problematizar não a verdade, mas como os efeitos constroem a verdade em variados campos da vida humana (Orlandi, 2015). Assim sendo, as posições discursivas nos permitem traçar uma imagem associada ao sujeito responsável pelos processos discursivos imediatos, como no caso da jornalista Rachel Sheherazade, que pode resultar numa alteração de sentido, de acordo com as posições defendidas pelos que falam através dos processamentos parafrástico (estabilização) e polissêmico (deslocamento), que são dinâmicas naturais da língua na comunicação (Soares, 2018b).

Para Pêcheux (2011, apud Soares, 2018b) o discurso não é a língua, não é a história, mas são os efeitos de sentidos trabalhando no entremeio de uma estrutura (língua) e do acontecimento (história). No entanto, sujeitos esquecem que os discursos permeiam a sociedade sem um começo específico, nem um fim. Eles apontam para o outro na historicidade em uma relação de sentido na qual um pode ser a resposta do outro (Orlandi, 2015). Com isso, o sujeito usa a sua posição discursiva do uso social da língua como estratégia de persuasão, uma vez que o discurso é usado com base na ligação entre a língua, a história e o sujeito. Além disso, existem outros pressupostos relevantes para a compreensão da imagem de um sujeito, do ethos discursivo de um enunciador que está envolvido na elaboração das notícias ou do entretenimento cultural da mídia (Charaudeau, 2011). Para Charaudeau (2011), o ethos discursivo é definido como uma imagem que liga a fala, reproduzindo uma mensagem para o interlocutor em relação à parte do que ele diz. Dada a classificação de Charaudeau (2011):

O ethos relaciona-se ao cruzamento de olhares: o olhar do outro sobre aquele que fala, olhar daquele que fala sobre a maneira como ele pensa que o outro o vê. Ora, para construir a imagem do sujeito que fala, esse outro se apoia, ao mesmo tempo, nos dados preexistentes ao discurso — o que ele sabe a prioridade do locutor — e nos dados trazidos pelo próprio ato da linguagem (Charaudeau, 2011, p.111).

De acordo com Charaudeau (2011), o ethos é uma construção coletiva que se baseia em uma junção de diversos significados. Na mesma linha epistemológica, Maingueneau (2004), diz que o indivíduo é percebido pelo olhar do outro, ou seja, pela identidade e personalidade psicológica e social que lhe são atribuídas, e, no momento em que o seu discurso é apresentado. Essa imagem é construída conforme a sua posição social e pode ser usada para persuadir outras pessoas. Maingueneau (2004) interpreta o ethos ligado ao ato de enunciação, podendo ser definido por meio de interpretação, pactuada pelo público antes mesmo de iniciar a sua fala. Dessa forma, o enunciador é responsável pela criação do ethos em conjunto com os participantes do discurso e suas respectivas origens históricas e culturais, a fim de exercer uma influência sobre o enunciatário.

É a partir dessas noções de ethos discursivo e de posição discursiva que se compreende aquilo que Pêcheux (1997) denomina de formações imaginárias, projeções que derivam dessas relações sociais (das relações de força e poder) e que são construídas coletivamente pelo (des)contínuo da história, a partir de camadas de acontecimentos discursivos (interdiscurso) (Courtine, 2014), os quais recursivamente emergem na atualidade (intradiscurso), por meio dos efeitos de sentido trazidos pelas memórias (Achard, 2015). Sobre essa relação entre ethos discursivo e formações imaginárias, Soares (2023b, p. 45) destaca que a Análise do Discurso *“has strands and new trends that give it both a high variability of possible objects of examination and a restructuring of its operational instruments of analysis, as is the case of the imaginary formation and the discursive ethos”*<sup>5</sup>. Essas duas noções viabilizam a apreensão do funcionamento dos efeitos de verdade tanto como parte da construção da imagem do sujeito enunciador, quanto como materialidade capaz de pôr em manutenção a credibilidade e a crença de que os suportes midiáticos se pautam pela verdade e pela neutralidade para difundir suas notícias, dentro de espaço de espetáculo midiático o qual é denominado por Maingueneau (1997) de cenografia.

Assim, “a cenografia de uma formação discursiva” (Maingueneau, 1997, p. 42) é o estudo dos traços individuais e concretos de um discurso, o que implica na determinação da identidade dos interlocutores do processo enunciativo, que estão alocados em uma dada posição e em um determinado momento histórico, isto é, em dadas condições de produção desse discurso (Pêcheux, 1997). Dessa forma, a cenografia é uma característica individual e concreta de um discurso, sendo um fator determinante para o ethos através do qual os gêneros

---

<sup>5</sup> Tradução livre: possui vertentes e novas tendências que lhe conferem tanto uma elevada variabilidade de possíveis objetos de exame quanto uma reestruturação de seus instrumentos operacionais de análise, como é o caso da formação imaginária e do ethos discursivo.

se relacionam, captando um momento e um lugar enunciativo específicos os quais dão origem ao discurso, ou seja, a cena a partir da qual o discurso surge.

Com o ethos de credibilidade, o orador ou escritor busca persuadir um grupo específico de pessoas através do seu discurso, às vezes de forma explícita, a partir de vocativos, às vezes de forma velada. Para a construção desse perfil, é fundamental que sejam transmitidas três imagens: a de sinceridade, a qual exige que o orador fale a verdade; a condição de performance, a qual anuncia as decisões e é feita por meio de promessas, o que obriga a cumprir o prometido; e a eficácia, crucial para persuadir e influenciar o público (Charaudeau, 2011), traduzindo, assim, nas três máximas da credibilidade, a saber, “legitimidade, autoridade e potência” (Charaudeau, 2016, p. 13-16). Quando um orador ou autor possui um ethos forte, as pessoas tendem a depositar mais confiança em suas afirmações. Ou seja, o ethos é construído através de uma combinação de fatores, tais como o conhecimento do assunto, o qual confere ao sujeito uma posição discursiva (Pêcheux, 1997) de autoridade, legitimidade e de potencialidade do dizer (Charaudeau, 2016). A experiência profissional, a ética pessoal e a linguagem utilizada destinado ao público-alvo também são traduzidos por essa máxima.

De acordo com o que foi apresentado, é possível notar que os conceitos de ethos e cenografia em questão são elementos discursivos que, por meio de suas características, permitem a especificação de fatores, fornecendo subsídios para a descrição de uma construção discursiva a qual reverbera os valores de verdade, bem como os efeitos de verdade. De acordo com Charaudeau (2013), há diferenças entre esses dois elementos:

Não se deve confundir *valor de verdade e efeito de verdade*, embora nos dois casos se esteja diante de um julgamento epistêmico, pois o homem tem necessidade de basear sua relação com o mundo num “crer ser verdade”. É uma questão de verdade, mas também é uma questão de crença. *Verdade e crença*, tal como a distinção que operamos entre dois tipos de saber, estão intrinsecamente ligadas no imaginário de cada grupo social. Isto quer dizer que não existe uma definição universal. [...] Nota-se que essa questão da verdade está marcada pela contradição: a verdade seria exterior ao homem, mas este só poderia atingi-la (finalmente construí-la) através de seu sistema de crenças (Charaudeau, 2013, p. 48-49, aspas e itálico do autor).

Nesse sentido, depreende-se desse trecho que o valor de verdade permeia o âmbito empírico, enquanto o efeito de verdade atravessa o domínio subjetivo, por “estar mais para o lado do ‘acreditar ser verdadeiro’ do que para o do ‘ser verdadeiro’” (Charaudeau, 2013, p. 49, aspas do autor). De outro modo, o valor de verdade baseia-se na evidência. Por sua vez, o

efeito de verdade constitui-se por uma subjetividade dos sujeitos envolvidos na interação em contato com o extralinguístico, com as condições empíricas. A partir desses conceitos, é possível identificar as composições e os elementos da verdade no vídeo produzido pela jornalista Rachel Sheherazade e compreender suas implicações ideológicas.

A respeito das implicações ideológicas, a formação ideológica, segundo Pêcheux (2011) é um processo pelo qual o indivíduo adquire e aprimora suas crenças, valores e princípios de mundo. Essas formações, em geral, contemplam um conjunto de ideais que constituem a parte cultural e social dos sujeitos, assim como se materializam em diversas formações discursivas, as quais, como já mencionado, determinam “o que pode e que deve ser dito [...] a partir de um posicionamento social” (Pêcheux, 2011, p. 73). A formação ideológica é então indispensável para a construção da identidade e da perspectiva do sujeito em relação ao mundo, uma vez que tem como objetivo influenciar a maneira como se percebe e se interpreta os eventos. Dessa forma, a formação ideológica ou formação social surge sempre como posições discursivas.

Desse trecho supracitado, entende-se de maneira mais específica o funcionamento das posições discursivas que o sujeito pode tomar no momento da construção de seus argumentos, como se este fosse atravessado por várias vozes dentro de seu enunciado (Maingueneau, 1997). Dessa forma, como assevera Soares (2018b), a condição de produção da análise do discurso é marcada pela relação entre sujeito, língua e historicidade. Por essa razão, o discurso é considerado como um efeito de sentido entre os pontos A e B (Pêcheux, 1997), no encontro entre as diversas formações ideológicas que podem atravessar o sujeito. Após esse recenseamento do instrumental teórico-metodológico, passa-se à seção de análise.

### **Análise: os efeitos de verdade no comentário noticioso da jornalista Rachel Sheherazade**

Com o intuito de alcançar o escopo inicial, faz-se necessária a exposição da organização didática. O enunciado de Rachel Sheherazade será dividido em duas Sequências Discursivas (doravante SD) para uma melhor organização da análise. Inicialmente, traça-se o perfil profissional do sujeito enunciadador. Logo após, serão descritos os elementos constitutivos do comentário noticioso de Rachel Sheherazade a partir do movimento interdiscursivo, o qual rastreará tanto as memórias simbólicas quanto às regularidades dos jogos semânticos empreendidos pela enunciadora para a reprodução de seu ethos discursivo. Após essa dinâmica interdiscursiva, serão também tracejados os efeitos de sentidos que recobrem e constituem a imagem que a jornalista faz de si e dos outros, bem como cada

posição discursiva tomada por ela em sua enunciação. Feitas essas considerações didáticas, passa-se à análise.

Nesse momento, passa-se a uma breve descrição das condições de produção na qual o sujeito enunciador Rachel Sheherazade expõe sua opinião. A escolha de analisar o discurso engendrado no comentário noticioso da jornalista, deu-se pela visibilidade e estabilidade adquiridas durante sua trajetória profissional. A difusão do discurso a ser analisado resultou, em boa medida, em sua popularidade nas mídias sociais desde 2011, tornando-a, segundo a própria mídia, uma das maiores apresentadoras de telejornais no Brasil e alocando-a na posição de sujeito de sucesso (Soares, 2018a), ou seja, interpelada pela própria mídia como aquela com atributos de alto prestígio moral e financeiro. Em 2011, Rachel Sheherazade, utilizando-se de horário nobre da televisão brasileira sobre os acontecimentos globais, alinha seu discurso a uma posição ideológica mais conservadora para criticar a festa de Carnaval, reproduzindo, assim, sua argumentação pautada em sua credibilidade e fazendo funcionar os efeitos de verdade.

Assim, em seu funcionamento midiático, a verdade midiática é um efeito de sentido construído socialmente que leva em consideração um recorte subjetivo que se confunde com o valor de verdade, ou seja, “uma construção explicativa elaborada com a ajuda de uma instrumentação científica” (Charaudeau, 2013, p. 49). Esses efeitos de verdade em comentários noticiosos como os da Jornalista Rachel Sheherazade aprofundam o imaginário de que a mídia sempre fala a verdade, já que há um profissional apto (academicamente preparado e formado) a expor o contexto político e social, em que é produzida a notícia. Assim, no jornalismo, é importante considerar muitos fatores como a região onde o discurso é feito, a empresa ou organização que o produz, o tempo de duração e, principalmente, as relações com as fontes de informação, entre outros elementos que fazem parte das condições de emergência dos discursos (Pêcheux, 1997), para perceber como os efeitos de verdade se entrelaçam com os valores de verdade (Charaudeau, 2013). Nesse sentido, com o intuito de compreender os aspectos discursivos e ideológicos, passa-se ao enunciado contido no vídeo da jornalista Rachel Sheherazade, no canal da Tambaú (00min.08seg):

SD1: Ontem foi quarta-feira de fogo e eu não vejo a hora de chegar Quarta-feira de Cinzas? Não, não é que eu seja inimiga do Carnaval. Até já brinquei muito em clubes, nos blocos, nas prévias. Fui até Olinda em plena terça-feira de Carnaval, portanto, vou falar com conhecimento de causa e revelar algumas verdades que encontrei por trás da fantasia do Carnaval (Tv Tambaú, 2011).

O vídeo que contém o enunciado da SD1 teve grande repercussão nas televisões dos telespectadores e nas redes sociais. A jornalista inicia sua fala com um tom sarcástico e sincero, criticando o comportamento da sociedade em relação às comemorações do Carnaval. Nesse posicionamento conservador, ela afirma, ao longo do vídeo, que a sociedade está vivendo em uma bolha social, uma vez que a sociedade vê uma festa como o Carnaval como uma manifestação folclórica cultural que tem como objetivo movimentar a sociedade e os comércios locais. De início, Rachel Sheherazade, ao enunciar “ontem foi quarta-feira de fogo e eu não vejo a hora de chegar Quarta-feira de Cinzas”, faz referência a duas datas. A primeira relaciona-se com a segunda a partir de um jogo semântico que aponta para dois acontecimentos históricos: a) a folia de Carnaval, representado pelo sintagma “fogo” e; b) a data que marca o encerramento do Carnaval e o início da Quaresma em diversos locais de tradição religiosa cristã, simbolizado pelo sintagma “Cinzas”.

Desse jogo semântico, traçam-se dois efeitos de verdade atrelados ao enunciado supracitado. O primeiro tem a ver com o temporizador “ontem foi” o qual designa um tempo passado de um acontecimento recente, marcando uma cenografia através das dêixis “ontem” e o “hoje”, o momento do enunciado, pressuposto no sintagma adverbial anteriormente mencionado, o qual “define as coordenadas espaço-temporais implicadas *nesse* ato de enunciação” (Maingueneau, 1997, p. 41, *itálico nosso*). O aqui, estúdio da TV Tambaú, e o agora, Quarta-feira de Cinzas, as condições de emergência na qual o discurso da jornalista está inserido e se apresentam como materialidades incontestáveis. O segundo efeito de verdade não está funcionando no dito, mas em uma interdiscursividade que traz a posição ideológica e historicamente marcada daqueles sujeitos que sempre criticaram os gastos excessivos com o Carnaval. Assim, a cena enunciativa a qual Rachel Sheherazade se aloca é configurada por uma formação imaginária (Pêcheux, 1997), por uma projeção histórica na qual não se pode conceber outra coisa senão a crítica ao Carnaval.

Desse ponto, estabelece, por meio da interdiscursividade, o ethos discursivo projetado pelo enunciador, Rachel, o qual é regulado por um conservadorismo religioso no qual se torna inimiga do Carnaval, e uma postura política, a qual imprime em sua imagem, a responsabilidade de um sujeito fiscalizador. Essa projeção se perfaz não só pelo que é dito de si, mas também o que revelava “pelo próprio modo de se *expressar*” (Maingueneau, 1997, p. 45, *itálico nosso*). De outro modo, diante desses dados, é possível perceber o quanto a sociedade, encarnada na formação ideológica que é a favor do Carnaval, dá visibilidade a esse período festivo, de forma que se cria uma materialização de algo que seja acessível a todos de

maneira igualitária. A partir dessa ideia pode-se analisar qual o ethos discursivo de Rachel e qual a imagem social apresentada aos seus telespectadores, isto é, um sujeito em oposição ao Carnaval. Seu discurso, no início do jornal, demonstra, mesmo que de forma bem-humorada, a sua insatisfação com a festividade mencionada.

De acordo com Pêcheux (2011, apud Soares, 2018b), o discurso é o principal meio de alienação e, a depender da posição que orador toma em seu discurso, o ouvinte fica mais próximo de sua posição através dos efeitos de verdade que causam a aceitabilidade discursiva (Boucher; Soares, 2022). Nesse caso, ao enunciar “Não, não é que eu seja inimiga do Carnaval. Até já brinquei muito em clubes, nos blocos, nas prévias. Fui até Olinda em plena terça-feira de Carnaval”, momentaneamente, Rachel Sheherazade inverte sua posição de contrária ao Carnaval para reproduzir a legitimidade e autoridade (Charaudeau, 2016) necessária para consolidar dada aceitabilidade. O sintagma “não é que eu seja inimiga do Carnaval” denuncia o jogo de “antecipações das *representações do receptor*” (Pêcheux, 1997, p. 84, itálico do autor), ou seja, a imagem que o enunciador faz da imagem que o receptor faz desse enunciador, a saber, “inimiga do Carnaval”. Por isso, na aceitabilidade discursiva, segundo Boucher e Soares (2022, p. 126), “compreende-se que certos fatores são escrutinados pelo enunciador no momento da elaboração discursiva para que o enunciatário minimamente recepcione aquilo que está sendo exposto”.

No caso da apresentadora Rachel, o fato de ela ter brincado “muito em clubes, nos blocos, nas prévias” e ter ido “até Olinda em plena terça-feira de Carnaval” (Tv Tambaú, 2011), aproxima a jornalista do telespectador que aprova a mencionada festividade, alocando-a na posição de um sujeito folião que tem legitimidade para afirmar o que diz. Essa legitimidade se concretiza no enunciado “portanto, vou falar com conhecimento de causa e revelar algumas verdades que encontrei por trás da fantasia do Carnaval”. No sintagma “conhecimento de causa”, a enunciativa pontua sua experiência fortalecendo seu ethos discursivo que projeta não uma jornalista que fala de algo distante, mas de uma foliã de Carnaval que tem larga vivência e conhece o que acontece nos bastidores das festas. Por essa imagem projetada, a enunciativa também lança sua imagem de prestígio e de poder aquisitivo quando afirma que tinha acesso a “clubes”, “blocos de prévias” e de “viagem” a lugares tradicionais como “Olinda”, já que todo esse leque de possibilidades fica mais difícil sem um poder econômico razoável.

A postura e a eficiência ao abordar os dados no vídeo são fatores determinantes para sua posição em relação ao tema noticiado na reportagem, ou seja, habilidades que usa com o

objetivo de persuadir o público sobre o que está sendo dito. Essas opiniões são extremamente relevantes, uma vez que são amplamente divulgadas no mundo, o que pode resultar numa aceitabilidade discursiva (Boucher; Soares, 2022). Dessa maneira, os ouvintes, ao escutarem essas afirmações, aceitam sem repulsa a imagem da jornalista, aquela que fala a verdade e é carismática e extremamente sincera com o seu público assistido. Fecha-se o cerco argumentativo tanto aos telespectadores que detestam o Carnaval, o público que alinha à sua atual posição conservadora, quanto àqueles que adoram, mas que também reconhece alguma “dessas verdades” e que agora podem estar menos resistentes para aceitá-las, devido à lógica que se cria em torno de sua argumentação.

Dessas considerações entende-se a relevância das condições de produção e de emergência para a produção dos sentidos dos enunciados. Segundo Pêcheux (1997), as condições de produção denotam um conjunto de elementos sociais, históricos e discursivos que motivam a circulação. O discurso não é um ato individual e isolado, mas é influenciado pelas condições em que é criado, ou seja, pelas circunstâncias em que é produzido e pelo processo de produção. Nesse sentido, as condições de produção são fatores determinantes que afetam as relações de poder, assim como as ideológicas e as instituições sociais, pois têm influência sobre o discurso. Esses elementos têm um impacto significativo no discurso, alterando o seu conteúdo, sua forma e possíveis interpretações, ou seja, “um discurso é sempre pronunciado a partir da condição de produção dada” (Pêcheux, 1997, p.77).

Com esses aspectos considerados no horizonte dessa análise, os efeitos de verdade traçados pelo sujeito enunciador Rachel Sheherazade têm como objetivo, por meio de fatos e dados reais, convencer os seus telespectadores a analisar e perceber o que, segundo sua percepção, seu recorte cenográfico, acontece durante esse período de festividade. Ao enfatizar que o Carnaval tem suas fantasias, a jornalista dá ênfase de que nem tudo o que é dito em panfletos e propagandas nas televisões é verdade. Há novamente o jogo semântico em que a polissemia e os processamentos parafrásticos (Soares, 2018b) entram na cenografia constituída pela jornalista, fortalecendo, por esses processos, sua opinião sobre o Carnaval, a partir do sintagma “fantasia”, no trecho “algumas verdades que encontrei por trás da fantasia do Carnaval”.

A lógica reproduzida por esse deslocamento semântico, ou melhor, por esse jogo semântico capitaneado por uma figura estilística (figura fônica), consiste em bifurcar o sentido do elemento linguístico “fantasia”. Por trás de uma fantasia de Carnaval, de uma vestimenta alegórica? Ou por trás do Carnaval que não passa de uma fantasia, de uma ilusão?

Os dois efeitos de sentidos convergem para um valor de verdade (Charaudeau, 2013) incontestável na materialidade fônica da Jornalista Sheherazade, a saber, o fato de os sujeitos que brincam o Carnaval estarem por trás de uma cobertura que vela os rostos ou o corpo. Jogando com o real e com o simbólico, o enunciador traz a verdade a partir da crença de que a festividade esconde também verdades as quais devem ser reveladas. Por essa razão, em seu ethos discursivo, projeta-se a mulher com o dever de “revelar verdades que ela por si só encontrou”. Ao analisar o ethos discursivo da jornalista, pode ser verificado, a partir de outro fragmento na fala da apresentadora, (1min.44seg.):

SD2: Eu fico indignada quando vejo a quantidade de ambulâncias disponibilizadas num desfile de Carnaval para atender aos bêbados de plantão e valentões que se metem em brigas e quebra-quebra. Onde estão essas mesmas ambulâncias quando uma mãe precisa socorrer um filho doente, quando um trabalhador está infartando, quando um idoso no interior, precisa de deslocar-se para submeter a um exame (TV Tambaú, 2011).

A jornalista, neste trecho, faz trabalhar as memórias (Achard, 2015), emergindo na exterioridade histórica sobre o descaso político-social e os gastos públicos com festas. Em tom de denúncias, o discurso da jornalista está direcionado ao direito da população no seu dia a dia e não em um evento de cinco dias. Dado que a saúde não tem tanta visibilidade quanto uma festa nacional, como o Carnaval. Nesse trecho, sua posição se alinha novamente àqueles que veem o Carnaval como um gasto supérfluo, reforçando seu sentimento de repulsa com a expressão “Eu fico indignada quando vejo[...]”. Já o trecho “a quantidade de ambulâncias disponibilizadas num desfile de Carnaval para atender aos bêbados de plantão e valentões que se metem em brigas e quebra-quebra” traça seu ethos discursivo como um sujeito da administração que racionaliza os gastos públicos. Mais uma vez, a interdiscursividade traz as memórias do descaso com o gasto dos recursos públicos.

Para além da memória coletiva, percebe-se a regularidade do ethos discursivos em vários vídeos de Rachel Sheherazade nos quais os acontecimentos históricos servem como âncora para sustentar sua lógica argumentativa. Ao longo de sua carreira, a memória da indignação conservadora faz parte do recobrimento de seu ethos discursivo. Um exemplo disso é outro vídeo intitulado “Rachel fala sobre beijo gay em culto de Feliciano”, já como apresentadora do Canal SBT News (SBT News, 2013), no qual a jornalista reproduz novamente a lógica da verdade e da liberdade de expressão, trazendo citações da bíblia, entrelaçando-as com momentos históricos e suas opiniões acerca do relacionamento homoafetivo. Em vários outros vídeos, o ethos enunciativo pauta-se na projeção de uma

postura formal, com larga experiência profissional e consciência dos acontecimentos históricos.

Maingueneau (2004) sustenta que o ethos discursivo está relacionado ao ato de enunciar do sujeito e é criado antes mesmo de ele se comunicar, tendo em vista as relações com os outros enunciadore, bem como suas formações históricas, sociais e culturais. Isso explica porque Rachel Sheherazade, que é a apresentadora do jornal, tem como principal objetivo mostrar o recorte da realidade do que é visto na sociedade, fazendo uma crítica social a determinados temas da vida diária ao se voltar para as memórias da humanidade e de seus problemas sociais. A cenografia instituída pela enunciadora provoca aceitabilidade discursiva pelo forte apelo social de negligência à saúde, fato este que a maioria concordar em disponibilizar ambulâncias antes para “uma mãe que precisa socorrer um filho doente” do que para “bêbados de plantão e valentões que se metem em brigas e quebra-quebra”.

Esta lógica provoca efeitos de verdade que silencia constitutivamente (Orlandi, 2007) outro fato constitucional contido no Art. 5º da CF de 1988, a saber, a realidade de que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade” (Brasil, 2003, p. 15). Assim, esse acontecimento amplamente difundido no Brasil é completamente apagado no discurso de Sheherazade pelo efeito do bom senso com o gasto público. Assim, a construção do seu ethos se dá através da enunciação, das imagens apresentadas no vídeo, da interpretação dos dados e da maneira como sua fala é posicionada ao citar um determinado órgão público ou privado específico.

Rachel Sheherazade mantém a sua imagem de comunicadora da verdade, porquanto, em seu recorte da realidade, consegue apresentar aspectos sociais de acordo com o que a sociedade compartilha, ou seja, as memórias coletivas do descaso político, as quais direcionam o público a uma aceitabilidade de seu posicionamento. Nesse sentido, o espectador deve, dessa forma, se concentrar na enunciação da reportagem, de modo a se sentir mais próximo e representado pela voz da jornalista. O objetivo é demonstrar ao ouvinte que aquela mensagem é verdadeira. Para isso, a jornalista utilizou a descrição de uma cenografia que abrange uma grande parte da sociedade, a questão da desigualdade social. Ao usar esse discurso, ela tenta convencê-los, que os fatos apresentados têm credibilidade, levando a construção da reportagem a se mover para uma posição em que suas palavras façam sentido para seu público-alvo: os que apoiam o Carnaval.

Diante dos fatos apresentados, percebe-se que os efeitos da verdade são construídos a partir do percurso de produção do enunciador e dos dados coletados. Dessa forma, a jornalista Rachel Sheherazade cria o seu ethos discursivo através da comunicação e da enunciação, usando a cenografia e a oralidade (Maingueneau, 1997). É na interdiscursividade que o jogo simbólico faz funcionar os efeitos de verdade. Acontecimentos sociais, material e historicamente marcados nas memórias coletivas se atualizam nos enunciados da apresentadora, arrastando para o campo intradiscursivo toda uma significação que sustenta o que é dito. Assim, ao dizer que não é “inimiga do Carnaval” e que tem “conhecimento de causa”, a enunciativa apaga outros acontecimentos os quais poderiam instalar a imagem de alguém distante que não está legitimada, nem autorizada (Charaudeau, 2016) a falar dessa festividade com propriedade.

### **Considerações finais**

O campo jornalístico midiático, enquanto instrumento discursivo destinado a informar e a entreter o seu público sobre determinado tema, pode ser analisado sob a perspectiva da Análise do Discurso, incluindo outra função midiática, a saber, persuadir e subjetiva sujeitos, a partir de ressignificações de acontecimentos. Na análise em pauta utilizaram-se várias noções fundamentais e, mais especificamente, os conceitos do ethos discursivo e dos efeitos de verdade (Charaudeau, 2011, 2013, 2016) para analisar o discurso da jornalista Rachel Sheherazade; em um vídeo reproduzido do *YouTube* no qual a temática é sobre o Carnaval. Os pressupostos teórico-metodológicos foram empregados de forma a se perceber como são configuradas as Sequências Discursivas do discurso da apresentadora em foco. O ethos é percebido conforme a oralidade e postura da jornalista. Sua imagem social é definida por meio da sua oralidade e percepção pessoal do mundo. O tópico em discussão parte da interdiscursividade (Pêcheux, 1997) e é de conhecimento geral da sociedade, porquanto seus dizeres são pautados em memórias coletivas que carregam consigo os efeitos de verdades consolidados na cenografia midiática.

De acordo com esse espaço cenográfico em que o discurso foi construído, é possível ver que a imagem social de si marca uma proximidade com o seu público engajado em suas manifestações e defesas ideológicas, no qual a produção de sentido é alterada segundo as posições sustentadas. Sobre essas posições, foi possível constatar o alinhamento ao público que repudia as festas do Carnaval, mas com uma interseção ideológica voltada ao público que defende o Carnaval, por posicionar-se como um sujeito com legitimidade, autoridade e

potência (Charaudeau, 2016) para enunciar as verdades sobre a festividade em questão. Por fim, a enunciadora apresenta a reportagem, traçando efeitos de clareza e objetividade ao fazer emergir as memórias do descaso político-social, no qual o seu discurso é baseado na cenografia (Maingueneau, 1997) que envolve o Carnaval. O seu efeito de veracidade é consolidado e dialoga com fatos da realidade social de seus telespectadores, projetando sua imagem como alguém que, metaforicamente, “abre os olhos da sociedade” para enxergar uma verdade aparentemente incontestável. A crítica (de forma velada pela universalidade de seu enunciado) se pauta no discurso de oposição governista contra os gastos com festividades.

Após essas considerações analíticas, foi possível perceber o potencial heurístico da Análise do Discurso para o letramento digital ou midiático, sobretudo os estudos acerca do ethos discursivo e da cenografia enunciativa. Nesse estudo, compreendeu-se que a interpretação dos discursos midiáticos pode ter uma relação menos ingênua se essa for pautada em instrumentos analíticos já consolidados no campo discursivo. Por essa razão, corrobora-se com Soares (no prelo) ao afirmar que:

Diante das demandas cada vez mais urgentes de reformulação de expedientes práticos e teóricos capazes de mobilizar os dispositivos existentes na atuação do ensino contemporâneo, o letramento, como instrumentalizador de semioses constituintes do tecido social, pode e deve ser convocado a desempenhar um papel ativo na construção de leituras dos artifícios midiáticos (Soares, no prelo, p. 2).

É através dessa construção da leitura dos artifícios midiáticos que o sujeito leitor ou telespectador consegue perceber, por exemplo, que os efeitos de verdade, fabricados pelos telejornais, são amparados não pelo dito na atualidade, mas por uma historicidade das instituições. De outro modo, a história do jornalismo, por muito tempo, colocou em manutenção as formações imaginárias que projetam os dizeres midiáticos como uma verdade positiva, ou seja, naturalmente incontestável e que só pode ser refutada através dessa leitura verticalizada. Segundo Soares e Boucher (2020, p. 2) “a leitura não pode se restringir ao texto em suas modalidades escrita e falada, no entanto, é a partir dele que se torna viável depreender os principais elementos envolvidos na compreensão e apreciação do ato de ler”. Dessa forma, a continuidade desses estudos sobre o letramento midiático pode permitir um avanço na percepção de que os discursos se prologam na historicidade e que a formação discursiva de uma jornalista de sucesso (Soares, 2018a), como exemplo, Rachel Sheherazade, determina seu dizer (Pêcheux, 1997); tem força discursiva para potencializar sua

argumentação ao ponto de o telespectador confundir seus efeitos de verdade como se fosse a própria realidade.

## Referências

ACHARD, Pierre. Memória e produção discursiva do sentido. In ACHARD, Pierre; Davallon, Jean; DURAND, Jean-Louis; PÊCHEUX, Michel; ORLANDI, Eni P. *Papel da memória*. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. p. 7-63.

ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. Informação, cidadania e sociedade no Brasil. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v.2, n. 1, 1992. p. 42-49. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/43>. Acesso em: 19 jan. 2024.

BOUCHER, Damião Francisco; SOARES, Thiago Barbosa. Resignificação da pandemia: aceitabilidade no discurso midiático. *Revista DisSol - Discurso, Sociedade e Linguagem*, n. 15, 2022. Disponível em: <http://ojs.univas.edu.br/index.php/revistadissol/article/view/920>. Acesso em: 19 jan. 2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil: Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nº. 1/92 a39/2002 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nº 1 a 6/94*. – Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2003.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. Trad. Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*; trad. Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2013.

CHARAUDEAU, Patrick. *A conquista da opinião Pública: como o discurso manipula as escolhas políticas*; trad. Ângela M. S. Corrêa, SP: Contexto, 2016.

COURTINE, Jean-Jacques. *A análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2014.

LIVINGSTONE, Sônia. *Media Literacy and the challenge of new information and communication Technologies*. London: LSE Research Online, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*; trad. Freda Indursky. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 3 ed., 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Trad. Cecília P. Souza e Silva, Décio Rocha. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *As formas do Silêncio: no movimento dos sentidos*. 6ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 12<sup>a</sup> ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, Michel. [1971]. Língua, linguagem, discurso. In: PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice. (orgs). *Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2011.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, François; HAK, Tony (Orgs). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux: organizadores: François Gadet, Tony Hak; tradutores Bethania S. Mariani... [et al.]*; 3 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 61-153.

RIOS, Aline; BRONOSKY, Marcelo. Violência contra jornalistas ameaça à sociedade. *Mosaico*, rio de janeiro, v. 11., n. 17, 2020. p. 86-103. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/mosaico/article/view/81064>. Acesso em: 19 jan. 2024.

SBT NEWS. Rachel fala sobre beijo gay em culto de Feliciano. **YouTube, 2013** Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=dK\\_jNKJDipc](https://www.youtube.com/watch?v=dK_jNKJDipc). Acesso em: 20 jan. 2024.

SOARES, Thiago Barbosa. Sucesso: discurso contemporâneos de capitalização dos sujeitos. In: SOARES, Thiago Barbosa (org.) *Múltiplas perspectivas em análise do discurso: objetos variados*. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2018a.

SOARES, Thiago Barbosa. **Percorso linguístico**: Conceitos, críticas e apontamentos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018b.

SOARES, Thiago Barbosa; BOUCHER, Damião Francisco. Leitura de sucesso: os dizeres sobre a leitura como efeito de sucesso. **REVELLI** (Dossiê: Leitura: um tema a muitas mãos), vol. 12, 2020. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revelli/article/view/10268>. Acesso em: 07 maio 2022.

SOARES, Thiago Barbosa. **Percorso Discursivo**: heterogeneidades epistemológicas aplicadas, Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

SOARES, Thiago Barbosa. Descolonizar a Análise do Discurso Brasileira: um ensaio acerca da formação imaginária eurocêntrica. **Periferia**, [S. l.], v. 15, p. e74881, 2023a. DOI: 10.12957/periferia.2023.74881. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/periferia/article/view/74881>. Acesso em: 5 ago. 2024.

SOARES, Thiago Barbosa. Imaginary formation and discursive ethos: a symbiotic relationship in Discourse Analysis. **Palimpsesto** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, [S. l.], v. 22, n. 43, 2023b. p. 43–59. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/palimpsesto/article/view/76917>. Acesso em: 16 jan. 2024.

SOARES, Thiago Barbosa. Mídia e letramento: articulações de saberes (re)produzidos em filme e séries. **Muitas Vozes**, no prelo.

TV TAMBAÚ. Rachel Sheherazade faz comentário sobre o Carnaval. **YouTube**, 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oLmFQxsMbN4>. Acesso em: 20 jan. 2024.

VERBUM – CADERNOS DE PÓS GRADUAÇÃO – ISSN 2316-3267